

---

**O**u as aventuras e sonhos de Mevlut Karataş, vendedor de boza, e dos seus amigos, e também um retrato da vida em Istambul entre 1969 e 2012 de muitos pontos de vista diferentes.

---

# ORHAN PAMUK

UMA  
ESTRANHEZA  
EM MIM



TRADUÇÃO DE ANTÓNIO SOUSA RIBEIRO

 EDITORIAL PRESENÇA

## FICHA TÉCNICA

Título original: *Kafamda Bir Tubastik*

Autor: *Orhan Pamuk*

Copyright © 2016 by Orphan Pamuk

Todos os direitos reservados

Tradução@Editorial Presença Lisboa, 2016

Tradução: *António Sousa Ribeiro/Editorial Presença*

Revisão: *Ana Rita Silva/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Rapaz vendedor de iogurte*, de Ara Güller

Arranjo gráfico: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito Legal n.º 413 983/16

1.ª edição, Lisboa, setembro, 2016

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Para Asli*

Tive pensamentos melancólicos...  
Uma estranheza em mim,  
Uma sensação de que não era feito para aquela hora,  
Nem para aquele lugar.

— William Wordsworth, *O Prelúdio*

O primeiro homem que, tendo vedado um terreno, teve a ideia de dizer «Isto é meu» e encontrou gente suficientemente simplória para acreditar nele foi o verdadeiro fundador da sociedade civil.

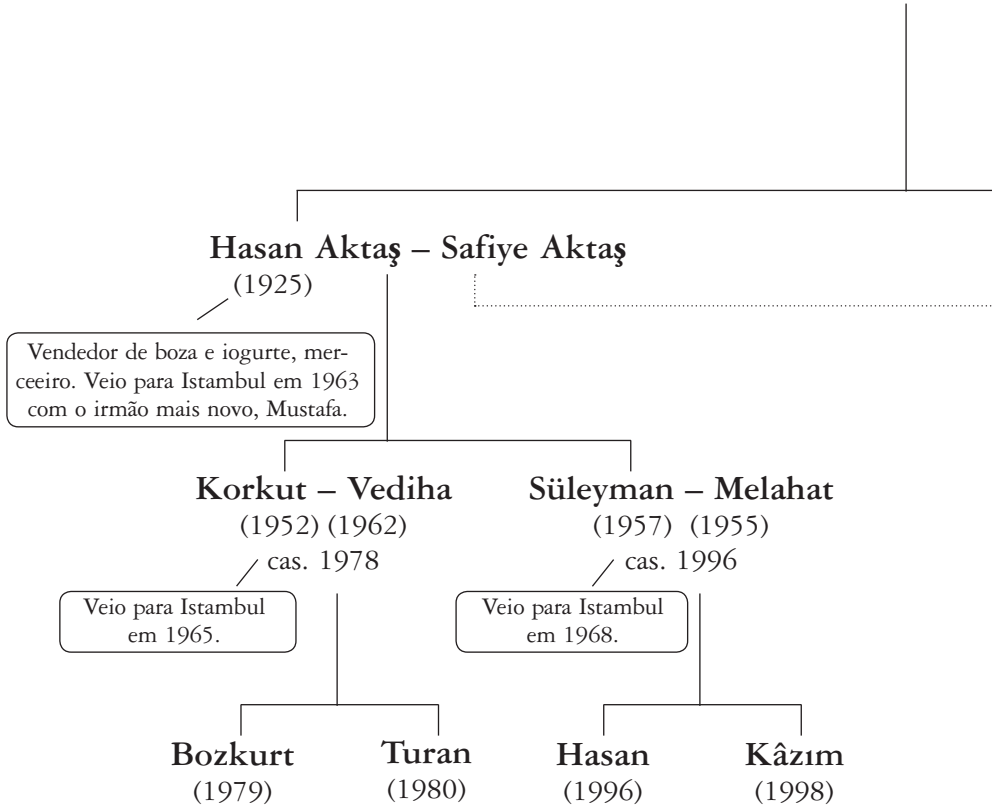
— Jean-Jacques Rousseau,  
*Discurso sobre a Origem e os  
Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*

O abismo entre as opiniões privadas e públicas dos nossos compatriotas é prova do poder do Estado.

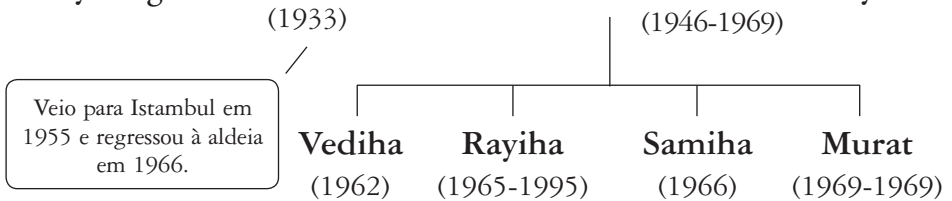
— Celâl Salik, *Milliyet*

# As famílias dos irmãos Hasan Aktaş e

(Casados com duas irmãs,



## Boynueğri Abdurrahman Efendi – A sua mulher Fevziye



# Mustafa Karataş, vendedores de iogurte e boza (Safiye e Atiye)

**Atiye Karataş – Mustafa Karataş**

(1927-1981)

Vendedor de boza e iogurte. Veio para Istambul em 1963 com o irmão mais velho, Hasan.

Primeira irmã

Segunda irmã

**Mevlut – Rayiha**

(1957) (1965-1995)

cas. 1982

Em 1969, Mevlut Karataş, o nosso protagonista, sai da aldeia para vir para Istambul e começa a ir à escola e a vender iogurte e boza pelas ruas.

**Fatma – Buhran**

(1983)

cas. 2001

**Fevziye – Erhan**

(1984)

cas. 2001



# ÍNDICE

## PARTE I – Quinta-feira, 17 de junho de 1982

### Mevlut e Rayiha

Fugir de casa não é fácil .....	19
---------------------------------	----

## PARTE II – Quarta-feira, 30 de março de 1994

### Mevlut, todas as noites de inverno dos últimos vinte e cinco anos

Deixem em paz o vendedor de boza .....	33
--	----

## PARTE III – Setembro de 1968 – Junho de 1982

### 1. Mevlut na aldeia

Se este mundo pudesse falar, o que é que diria? .....	55
---	----

### 2. Em casa

As colinas na orla da cidade .....	64
------------------------------------	----

### 3. O indivíduo empreendedor que constrói uma casa em terrenos desocupados

Oh, meu rapaz, Istambul faz um bocado de medo, não faz? .....	70
---	----

### 4. Mevlut começa a trabalhar como vendedor ambulante

Não tens nada que te dares ares de superioridade .....	80
--	----

### 5. A Escola Secundária Masculina Atatürk

Uma boa educação remove as barreiras entre ricos e pobres.....	89
--	----

<b>6. A escola preparatória e a política</b>	
Amanhã não há escola .....	98
<b>7. O Cinema de Elyazar</b>	
Uma questão de vida ou de morte.....	112
<b>8. A altura da mesquita de Duteppe</b>	
As pessoas vivem mesmo ali? .....	120
<b>9. Neriman</b>	
O que faz da cidade uma cidade.....	126
<b>10. As consequências de colar cartazes comunistas em mesquitas</b>	
Deus salve os Turcos.....	132
<b>11. A guerra entre Duttepe e Kültepe</b>	
Nós não tomamos partido .....	144
<b>12. Como casar com uma rapariga da aldeia</b>	
A minha filha não está à venda .....	160
<b>13. O bigode de Mevlut</b>	
O proprietário de terrenos não registados .....	167
<b>14. Mevlut apaixonou-se</b>	
Só Deus podia ter ordenado este encontro casual.....	177
<b>15. Mevlut sai de casa</b>	
Se a visses na rua amanhã, eras capaz de a reconhecer? .....	185
<b>16. Como escrever uma carta de amor</b>	
Os teus olhos são como setas enfeitiçadas .....	196
<b>17. O tempo de tropa de Mevlut</b>	
Julgas que estás em tua casa? .....	203
<b>18. O golpe militar</b>	
O cemitério do bairro industrial.....	213
<b>19. Mevlut e Rayiha</b>	
Fugir de casa não é fácil .....	220



## PARTE IV – Junho de 1982 – Março de 1994

<b>1. Mevlut e Rayiha casam-se</b>	
Só a morte pode separar-nos .....	233
<b>2. Mevlut vende gelados</b>	
Os dias mais felizes da sua vida.....	242
<b>3. O casamento de Mevlut e Rayiha</b>	
Só vendedores de iogurte desesperados ligam à boza .....	250
<b>4. Arroz com grão-de-bico</b>	
A comida sabe melhor quando está mal lavada.....	261
<b>5. Mevlut é pai</b>	
Não saias do furgão .....	267
<b>6. Samiha foge</b>	
Por causa disto, vai haver sangue derramado .....	271
<b>7. Uma segunda filha</b>	
Era como se a vida dele estivesse a acontecer a outra pessoa .....	280
<b>8. Capitalismo e tradição</b>	
A ditosa vida familiar de Mevlut.....	284
<b>9. O Bairro de Ghaazi</b>	
Vamos esconder-nos aqui.....	298
<b>10. Livrar-se do pó da cidade</b>	
Meu Deus, donde é que vem toda esta sujidade?.....	309
<b>11. Raparigas que se recusam a conhecer os seus pretendentes</b>	
Estávamos só de passagem.....	322
<b>12. Em Tarlabası</b>	
O homem mais feliz do mundo.....	335
<b>13. Süleyman causa problemas</b>	
Não foi isso que aconteceu?.....	346
<b>14. Mevlut encontra um novo sítio</b>	
Eu vou buscá-lo amanhã logo de manhã.....	360
<b>15. O santo guia</b>	
Eu fui vítima de uma grave injustiça .....	370

<b>16. O Café Binbom</b>	
Mostra-lhes o que vales .....	382
<b>17. A grande burla dos empregados do café</b>	
Não te metas nisso .....	389
<b>18. Últimos dias no Café Binbom</b>	
Vinte mil ovelhas .....	395

## PARTE V – Março de 1994 – Setembro de 2002

<b>1. A loja de boza dos cunhados</b>	
Enchendo a nação de orgulho .....	407
<b>2. Na lojinha com duas mulheres</b>	
Outros contadores da luz e outras famílias .....	421
<b>3. As paixões elétricas de Ferhat</b>	
Vamos fugir daqui.....	429
<b>4. Uma criança é uma coisa sagrada</b>	
Talvez fosses mais feliz se eu morresse simplesmente e tu pudesses casar-te com a Samiha .....	440
<b>5. Mevlut torna-se guarda de um parque de estacionamento</b>	
Culpa e assombro .....	453
<b>6. Depois de Rayiha</b>	
As pessoas não conseguem zangar-se connosco se estivermos a chorar... ..	458
<b>7. Uma história de consumo de eletricidade</b>	
Süleyman mete-se em apuros.....	466
<b>8. Mevlut no bairro mais distante</b>	
Os cães vão ladrar a toda a gente que não seja de cá.....	476
<b>9. Deitar abaixo um clube noturno</b>	
É uma coisa bem feita?.....	488
<b>10. Mevlut na esquadra da polícia</b>	
Eu passei toda a minha vida nestas ruas .....	499
<b>11. O que o nosso coração quer e o que querem as nossas palavras</b>	
Fatma continua os seus estudos .....	512

<b>12. Fevziye foge</b>	
Que me beijem ambos a mão .....	528
<b>13. Mevlut sozinho</b>	
Vocês dois foram feitos um para o outro.....	539
<b>14. Novos bairros, novas caras</b>	
É a mesma coisa que isto? .....	548
<b>15. Mevlut e Samiha</b>	
Escrevi-te as cartas a ti .....	560
<b>16. Casa</b>	
Nós estávamos a fazer as coisas como deve ser.....	566

## PARTE VI – Quarta-feira, 15 de abril de 2009

<b>O edifício de doze andares</b>	
Tu tens direito à renda da cidade .....	575

## PARTE VII – Quinta-feira, 25 de outubro de 2012

<b>A forma de uma cidade</b>	
Só consigo meditar quando caminho .....	597

<b>ÍNDICE DE PERSONAGENS</b> .....	623
<b>CRONOLOGIA</b> .....	628

## PARTE I

Quinta-feira, 17 de junho de 1982

Não é costume dar em casamento uma filha mais nova e a irmã mais velha ficar solteira.

— İbrahim Şinasi,  
*O Casamento de Um Poeta*

Se há uma mentira a pronunciar, não ficará por dizer; se há sangue a derramar, não ficará por verter; se se tiver a filha bem guardada, ela preferirá fugir.

— Provérbio de Beyşehir  
(da circunscrição de İmrenler)

## MEVLUT E RAYIHA

### FUGIR DE CASA NÃO É FÁCIL

Esta é a história da vida e dos sonhos de Mevlut Karataş, vendedor de boza e iogurte. Nascido em 1957 nos confins ocidentais da Ásia, numa aldeia pobre sobranceira a um lago brumoso da Anatólia Central, ele foi para Istambul aos doze anos e viveu lá, na capital do mundo, até ao fim da vida. Quando fez vinte e cinco anos, regressou à província onde nascera e trouxe dali uma rapariga da aldeia que consentiu em fugir com ele, um caso bastante estranho que determinou o resto dos seus dias: regressando com ela a Istambul, casou-se e teve duas filhas; teve uma série de empregos sem interrupção, vendendo iogurte, gelados e arroz na rua e servindo à mesa. Mas todas as noites, sem falha, deambulava pelas ruas de Istambul vendendo boza e tendo sonhos estranhos.

O nosso herói Mevlut era alto, de compleição robusta, apesar de delicada, e bem-apeesoado. Tinha um rosto de rapaz, cabelo castanho-claro e olhos vivos e inteligentes, uma combinação que despertava não poucos sentimentos de ternura entre as mulheres. Este ar arrapazado, que Mevlut manteve até estar bem entrado nos quarenta, e o efeito dele sobre as mulheres eram dois dos seus traços essenciais e valerá a pena eu recordá-los de vez em quando aos leitores para ajudar a explicar alguns aspetos da história. Quanto ao otimismo e boa vontade de Mevlut — a que alguns chamariam ingenuidade —, estes traços não será necessário lembrá-los, já que vão ser manifestos do princípio ao fim. Se os meus leitores tivessem conhecido realmente Mevlut, como eu conheci, teriam concordado com as mulheres que viam nele uma beleza arrapazada e saberiam que não estou a exagerar só para fazer efeito. Na verdade, gostaria de aproveitar esta oportunidade para sublinhar que não há quaisquer exageros em todo este livro, que se baseia por inteiro numa história verdadeira; vou narrar alguns acontecimentos estranhos que sucederam e o meu papel será tão-só ordená-los de modo a permitir aos meus leitores acompanhá-los e entendê-los com mais facilidade.

Assim, começarei pelo meio, com início no dia de junho de 1982 em que Mevlut fugiu com uma rapariga da aldeia de Gümüşdere (situada no distrito de Beyşehir, de Konya, e vizinha da sua própria aldeia). Fora no casamento de Korkut, o filho mais velho do seu tio, realizado em Mecidiyeköy, Istambul, em 1978, que Mevlut vira pela primeira vez a rapariga que mais tarde concordaria em fugir com ele. Custava-lhe a acreditar que esta rapariga, que na altura tinha só treze anos — ainda uma criança —, pudesse retribuir os seus sentimentos. Ela era a irmã mais nova da mulher do seu primo Korkut e nunca tinha estado em Istambul antes daquele dia. A seguir, Mevlut haveria de lhe escrever cartas de amor durante três anos. A jovem nunca respondia, mas Süleyman, o irmão mais novo de Korkut, que entregava as cartas de Mevlut, dava esperanças a Mevlut e encorajava-o a não desistir.

Agora, Süleyman estava de novo a ajudar o seu primo Mevlut, desta vez a levar embora a rapariga. Ao volante do seu furgão *Ford*, Süleyman regressou com Mevlut à aldeia da sua infância. Os dois primos tinham arquitetado um plano para fugirem com a moça sem serem detetados. O plano previa que Süleyman esperasse no furgão num sítio que ficava a cerca de uma hora de distância de Gümüşdere. Toda a gente iria pensar que os dois pombinhos tinham fugido para Beyşehir, mas Süleyman levá-los-ia no furgão para norte, através das montanhas, e deixá-los-ia na estação ferroviária de Akşehir.

Mevlut recapitulara o plano mentalmente muitas vezes e, em duas ocasiões, fizera expedições de reconhecimento secretas a locais chave como a fonte fria, o riacho estreito, a colina arborizada e o quintal traseiro da casa da rapariga. Meia hora antes do tempo determinado, parou por momentos no cemitério da aldeia, que ficava em caminho. Virou-se para as lápides funerárias e rezou a Deus para que tudo corresse sem sobressaltos. Não queria admiti-lo, mas não tinha plena confiança em Süleyman. E se o primo não trouxesse o furgão para o lugar combinado junto da fonte? Mevlut tentou não pensar demasiado nisso, concluindo que nada de bom podia vir desses receios agora.

Trazia vestidas as calças e a camisa azul que comprara numa loja de Beyoğlu na altura em que andava na escola preparatória e vendia iogurte com o pai. Os sapatos eram da fábrica estatal de Sümerbank; tinha-os comprado antes de ir para a tropa.

Ao cair da noite, Mevlut aproximou-se do muro decrepito que rodeava a casa branca de Abdurrahman Pesçoço Torto, o pai da rapariga. A janela das traseiras estava às escuras. Mevlut chegara dez minutos antes da hora e estava ansioso por entrar em ação. Pensou nos velhos tempos em que pessoas que tentavam levar a cabo um rapto consentido se viam envolvidas em conflitos de honra e acabavam por levar um tiro ou, fugindo pela calada da noite, se perdiam e acabavam por ser apanhadas. Pensou em como era embaçoso para os rapazes as moças mudarem de ideias e decidirem não fugir afinal e levantou-se um tanto sobressaltado. Disse para consigo que Deus havia de o proteger.

Os cães ladraram. A janela iluminou-se por instantes e escureceu outra vez. O coração de Mevlut começou a bater a toda a velocidade. Dirigiu-se à casa. Ouvia um restolhar entre as árvores e, depois, a rapariga a chamar por ele num sussurro:

«Mev-lut!»

Era uma voz carinhosa, a voz de alguém que tinha lido as cartas que ele mandara enquanto cumpria o serviço militar, uma voz cheia de confiança. Mevlut recordava-se agora daquelas cartas, centenas delas, todas escritas com um amor e desejo genuínos; recordou-se de como dedicara todo o seu ser a conquistar aquela bela rapariga e as cenas de felicidade que imaginara no seu espírito. Agora, finalmente, conseguira conquistar a rapariga. Não conseguia ver bem, mas, naquela noite mágica, foi atraído como um sonâmbulo pelo som da voz dela.

Encontraram-se um ao outro na escuridão. Deram-se as mãos espontaneamente e começaram a correr. Mas não tinham percorrido dez passos quando os cães começaram de novo a ladrar e, sobressaltado, Mevlut desorientou-se. Tentou encontrar o caminho por instinto, mas tinha a cabeça baralhada. De noite, as árvores eram como muros de cimento aparecendo e desaparecendo indistintamente; foram-se esquivando a todas como que em sonhos.

Chegados ao fim do caminho, Mevlut dirigiu-se para a colina em frente, como planeado. Em determinado ponto, o caminho estreito e tortuoso através dos penedos e pela colina acima era tão íngreme que parecia ir dar ao céu nublado e escuro como breu. Caminharam de mãos dadas cerca de meia hora, subindo

sem descanso até chegarem ao cume. Ali, podiam ver as luzes de Gümüşdere e, mais atrás, a aldeia de Cennetpınnar, onde Mevlut nascera e fora criado. Mevlut tinha metido por um caminho mais longo ao afastar-se de Gümüşdere, em parte para evitar conduzir quaisquer perseguidores de volta à sua própria aldeia e em parte por instinto, para frustrar qualquer plano traiçoeiro de Süleyman.

Os cães continuaram a ladrar como possessos. Mevlut percebeu que agora era um estranho na sua própria aldeia, que já nenhum dos cães o reconhecia. Não tardou a ouvir o som de um tiro vindo da direção de Gümüşdere. Controlaram-se e continuaram a caminhar ao mesmo ritmo, mas quando os cães, que se tinham calado por um momento, começaram outra vez a ladrar, eles puseram-se a correr colina abaixo. As folhas e ramos arranhavam-lhes as caras e urtigas ficavam-lhes presas nas roupas. Mevlut não conseguia ver nada no escuro e receava que tropeçassem e caíssem em cima de uma pedra a qualquer momento, mas nada disso aconteceu. Estava com medo dos cães, mas sabia que Deus estava a protegê-lo e a Rayiha e que iam ter uma vida muito feliz em Istambul.

Chegaram à estrada para Akşehir sem fôlego. Mevlut tinha a certeza de que tinham chegado a horas. Tudo o que faltava agora era Süleyman aparecer com o furgão e já ninguém lhe poderia roubar Rayiha. Mevlut começara todas as cartas invocando o rosto adorável desta rapariga e os seus olhos inesquecíveis, inscrevendo o belo nome dela, Rayiha, com um cuidado desvelado e um desesperado abandono no começo de cada missiva. Agora, sentia-se tão feliz de pensar naqueles sentimentos que não pôde deixar de apressar o passo.

Naquela escuridão, mal conseguia ver o rosto da rapariga com quem estava a fugir. Pensou que podia pelo menos agarrá-la e beijá-la, mas Rayiha repeliu com suavidade as suas tentativas com a trouxa que transportava. Mevlut gostou disso. Decidiu que seria melhor não tocar na pessoa com quem iria passar o resto da vida antes de se terem casado.

De mãos dadas, atravessaram a pontezinha sobre o rio Sarp. A mão de Rayiha segura na sua era leve e delicada como um pássaro. Uma brisa fresca trazia o aroma de tomilho e folhas de louro sobre a água sussurrante.



O céu noturno alumiou-se com uma tonalidade púrpura; depois, veio o som de trovoadas. Mevlut ficou preocupado com a possibilidade de serem apanhados pela chuva antes da longa viagem de comboio que tinham pela frente, mas não apressou o passo.

Dez minutos depois, viram as luzes traseiras do furgão de Süleyman ao lado da fonte gorgolejante. Mevlut sentiu-se a afogar-se em felicidade. E sentiu-se mal por ter duvidado de Süleyman. Tinha começado a chover e eles lançaram-se numa corrida alegre, mas estavam ambos exaustos e as luzes do furgão encontravam-se mais longe do que tinham pensado. Quando chegaram junto do veículo, estavam completamente ensoados.

Rayiha pegou na sua trouxa e sentou-se no banco traseiro do furgão, mergulhada na escuridão. Mevlut e Süleyman tinham planeado tudo assim, para o caso de se descobrir que Rayiha fugira e a polícia começar a revistar os carros nas estradas. Era também para ter a certeza de que a jovem não reconheceria Süleyman.

Uma vez sentados nos bancos da frente, Mevlut virou-se para o cúmplice e disse: «Süleyman, enquanto for vivo, estarei grato por isto, pela tua amizade e lealdade!» Não conseguiu deixar de abraçar o primo com todas as suas forças.

Como Süleyman não retribuiu o seu entusiasmo, Mevlut censurou-se a si próprio: de certeza que magoara o primo com as suas suspeitas.

«Tens de jurar que não vais dizer a ninguém que eu te ajudei», disse Süleyman.

Mevlut jurou.

«Ela não fechou bem a porta», disse Süleyman. Mevlut saiu e dirigiu-se à parte de trás no escuro. Quando estava a fechar a porta do lado da rapariga, houve um relâmpago e, por um momento, o céu, as montanhas, os penedos, as árvores — tudo o que estava à volta dele — iluminaram-se como uma memória distante. Pela primeira vez, Mevlut conseguiu ver bem o rosto da mulher com quem iria passar toda uma vida.

Havia de recordar a absoluta estranheza daquele momento até ao fim da vida.

Depois de começarem a andar, Süleyman tirou uma toalha do porta-luvas e deu-a a Mevlut: «Seca-te.» Mevlut cheirou a toalha

para se certificar de que não estava suja e passou-a à rapariga no banco traseiro.

Pouco depois, Süleyman disse-lhe: «Ainda estás molhado e não há mais toalhas.»

A chuva salpicava o tejadilho, os limpa-para-brisas gemiam, mas Mevlut sabia que estavam a entrar num lugar de infinito silêncio. A floresta, debilmente iluminada pelos faróis cor de laranja pálida do furgão, estava compacta de escuridão. Mevlut ouvira dizer que os lobos, chacais e ursos se encontravam com os espíritos dos infernos depois da meia-noite; e muitas vezes, de noite, nas ruas de Istambul, tinha-se encontrado face a face com os espetros de míticas criaturas e demónios. Esta era a escuridão em que demónios de cauda bifurcada, gigantes de pés grandes e Ciclopes com chifres vagueavam, à procura de todos os pecadores sem perdão e dos que se tinham perdido, para os capturar e levar para os infernos.

«O gato comeu-te a língua?», disse Süleyman a brincar.

Mevlut reconheceu que o silêncio estranho em que estava a penetrar iria ficar com ele durante muitos anos.

Enquanto tentava chegar a uma conclusão sobre a maneira como caíra nesta armadilha que a vida lhe preparara, pensava sem cessar, Foi porque os cães ladraram e eu me perdi no escuro, e, mesmo sabendo que o seu raciocínio não fazia sentido, não o largou, porque pelo menos lhe dava algum conforto.

«Há algum problema?», disse Süleyman.

«Nenhum.»

Nos momentos em que o furgão abrandava para fazer as curvas da estrada estreita e enlameada e os faróis iluminavam os penedos, as árvores fantasmagóricas, as sombras indistintas e todas as coisas misteriosas em redor, Mevlut contemplava estas maravilhas com o olhar de um homem que sabe que jamais as esquecerá enquanto for vivo. Seguiram a estrada minúscula, por vezes serpenteando por uma colina acima, depois voltando a descer, esgueirando-se em direção à escuridão de uma aldeia afundada na lama. Eram acolhidos por cães a ladrar sempre que atravessavam uma aldeia, apenas para serem de novo mergulhados num silêncio tão profundo que Mevlut não tinha a certeza se a estranheza estava no

seu espírito ou no mundo. No escuro, via as sombras de pássaros míticos. Via palavras escritas em caligrafias incompreensíveis e as ruínas dos exércitos de demónios que tinham atravessado estas terras remotas centenas de anos antes. Via as sombras de pessoas que tinham sido transformadas em pedra como castigo pelos seus pecados.

«Não estás arrependido, pois não?», disse Süleyman. «Não há nada a reear. Duvido que alguém nos esteja a seguir. Tenho a certeza de que todos sabiam que a rapariga ia fugir, com a exceção talvez do pai dela do pescoço torto, e vai ser fácil lidar com ele. Vais ver, eles hão de todos vir às boas num mês ou dois e então, antes de o verão acabar, vocês dois podem regressar para receber a bênção de toda a gente. Não digas é a ninguém que eu te ajudei.»

Ao fazerem uma curva apertada numa vertente íngreme, as rodas traseiras do furgão ficaram atascadas na lama. Por um momento, Mevlut imaginou que tudo poderia estar terminado, que Rayiha regressaria à sua aldeia e que ele regressaria à sua casa de Istambul, sem mais problemas.

Mas nesse momento o furgão começou a andar outra vez.

Uma hora depois, um ou dois edifícios isolados e as ruelas estreitas da cidade de Akşehir apareceram à luz dos faróis. A estação ferroviária ficava nos arrabaldes, do outro lado da cidade.

«Seja o que for que aconteça, não se separem», disse Süleyman ao deixá-los na estação de Akşehir. Olhou de relance para trás para a rapariga que estava à espera no escuro com a sua trouxa. «É melhor eu não sair do furgão, não quero que ela me reconheça. Também estou metido nisto agora. Tens de fazer a Rayiha feliz, Mevlut, estás a perceber? Agora ela é a tua mulher; os dados estão lançados. O melhor é não fazeres ondas por algum tempo quando chegares a Istambul.»

Mevlut e Rayiha ficaram a ver Süleyman afastar-se até desaparecerem as luzes traseiras vermelhas do furgão. Entraram no velho edifício da estação sem darem as mãos.

Dentro da estação, brilhantemente iluminada, resplandecendo sob luzes fluorescentes, Mevlut olhou outra vez para o rosto da rapariga com quem tinha fugido, um olhar mais de perto desta

vez, suficiente para confirmar o vislumbre que tivera, mas em que não tinha bem acreditado, ao fechar a porta traseira do furgão; desviou o olhar.

Esta não era a rapariga que ele vira no casamento de Korkut, o filho mais velho do seu tio. Era a irmã mais velha dela. Tinham-lhe mostrado a irmã bonita no casamento e depois, em vez dela, davam-lhe a irmã feia. Mevlut percebeu que tinha sido ludibriado. Estava envergonhado e nem conseguia olhar para a rapariga, cujo nome talvez não fosse sequer Rayiha.

Quem é que lhe pregara esta partida e como? Dirigindo-se para a bilheteira da estação, ouviu os ecos distantes dos seus próprios passos como se pertencessem a outra pessoa. Até ao fim da vida, estações ferroviárias antigas haviam de recordar sempre estes momentos a Mevlut.

Estonteado, comprou dois bilhetes para Istambul.

O homem da bilheteira dissera, «Está aí não tarda», mas não havia sinais do comboio. Ficaram sentados na esquina de um banco numa sala de espera minúscula atafalhada de cestos, pacotes, malas e passageiros fatigados e não disseram uma única palavra um ao outro.

Mevlut recordou-se de que Rayiha tinha efetivamente uma irmã mais velha — ou melhor, a moça bonita em quem ele pensava como Rayiha, porque a verdadeira Rayiha tinha de ser esta rapariga. Era assim que Süleyman se referira a ela anteriormente. Mevlut tinha enviado cartas de amor endereçadas a Rayiha, mas tendo em mente outra pessoa, um rosto diferente. Nem sequer sabia o nome da irmã bonita que tinha sempre imaginado. Não tinha uma perceção clara de como fora enganado, não tinha memória de como chegara a este momento e, assim, a impressão estranha dentro de si tornou-se parte da armadilha em que caía.

Sentados no banco, não olhou senão para a mão de Rayiha. Esta era a mão em que ainda há pouco segurara amorosamente; era esta a mão que, como escrevera nas suas cartas de amor, ansiara ter na sua, esta mão bem formada, bonita. Repousava tranquilamente no colo dela e, de vez em quando, alisava os vincos da saia e do pano em que vinham enrolados os seus pertences.

Mevlut levantou-se e dirigiu-se ao café da estação. Ao regressar para junto de Rayiha com dois bolos ressequidos, observou de novo de longe a cabeça coberta e o rosto dela. Esta não era de maneira nenhuma a bonita rapariga que vira no casamento de Korkut, um casamento onde fora, apesar de o pai lhe ter dito para não ir. Uma vez mais, Mevlut teve a certeza de que nunca antes tinha visto esta rapariga, a verdadeira Rayiha. Como é que tinham chegado a este momento? Teria Rayiha consciência de que as suas cartas eram, na verdade, destinadas à irmã?

«Queres um bolo?»

Rayiha estendeu a mão delicada e pegou no bolo. Mevlut viu gratidão no rosto dela — não a excitação de amantes em fuga.

Com Mevlut sentado ao pé dela, Rayiha foi dando conta do bolo, como se estivesse a cometer um crime. Ele comeu o outro bolo ressequido, sem nenhum prazer, mas apenas porque não sabia o que é que havia de fazer em vez disso.

Ficaram sentados sem falar. Mevlut sentia-se como um rapaz à espera do fim do dia de escola, descobrindo que não havia maneira de o tempo passar. A cabeça continuava a trabalhar à rédea solta, tentando perceber o que é que tinha feito de errado para se achar aqui.

Os pensamentos dele regressavam repetidamente ao casamento onde vira pela primeira vez a irmã bonita a quem escrevera todas aquelas cartas; ao seu falecido pai, Mustafa Efendi, a dizer-lhe para não ir àquele casamento; e à maneira como ele se escapulira da aldeia e fora a Istambul mesmo assim. Poderia aquele simples ato ter provocado tudo isto? Como os faróis do furgão que os trouxera, os seus pensamentos divagavam por uma paisagem semi-iluminada, as memórias e sombras melancólicas dos seus vinte e cinco anos tentando lançar alguma luz sobre a situação presente.

O comboio não chegava. Mevlut levantou-se e foi outra vez ao café, mas este agora estava fechado. Dois fiacres puxados a cavalo estavam à espera para levar os passageiros para a cidade. Um dos cocheiros estava a fumar um cigarro no silêncio infinito que reinava. Mevlut caminhou até um velho plátano junto ao edifício da estação.

À luz mortiça da estação, conseguia distinguir a placa debaixo da árvore.

O FUNDADOR DA NOSSA REPÚBLICA  
MUSTAFA KEMAL ATATÜRK  
BEBEU CAFÉ À SOMBRA  
DESTE VELHO PLÁTANO  
QUANDO VEIO A AKŞEHİR EM 1922.

Mevlut lembrava-se de Akşehir das suas aulas de história. Tinha aprendido o papel importante que esta aldeia desempenhara na história turca, mas, naquele momento, não conseguia lembrar-se de nada em especial, e censurou-se a si próprio. A verdade é que ele não se esforçara suficientemente na escola para ser o tipo de estudante que os seus professores teriam querido. Talvez fosse essa a sua falha mais grave. Mas, pensou com algum otimismo, tinha só vinte e cinco anos e tinha tempo de sobra para melhorar.

Ao regressar ao banco dos dois, olhou outra vez para Rayiha. Não, não era de todo capaz de se lembrar de a ter visto no casamento quatro anos atrás.

O ferrugento comboio de Istambul entrou a arquejar na estação com quatro horas de atraso e conseguiram encontrar uma caruagem vazia. Não havia ninguém no seu compartimento, mas, mesmo assim, Mevlut sentou-se ao lado de Rayiha, e não em frente dela. Cada vez que passavam por uma mudança de agulha ou um troço desgastado da via, o comboio balançava e a parte de cima do braço de Mevlut roçava contra o braço de Rayiha. Mesmo isto lhe parecia estranho.

Foi à casa de banho e pôs-se a ouvir o som matraqueante que vinha do buraco do chão, exatamente como costumava fazer quando era criança. Quando regressou ao lugar, a rapariga adormecera. Como podia ela dormir tão tranquilamente na noite em que tinha fugido de casa? «Rayiha, Rayiha!», segredou-lhe ao ouvido. A rapariga acordou com tanta naturalidade como só alguém realmente chamado Rayiha poderia ter feito e sorriu docemente para ele. Mevlut sentou-se ao lado dela sem uma palavra.

Não falaram enquanto olhavam pela janela da carruagem, como um casal casado há anos em que já nada há a dizer um ao outro. De vez em quando, viam os candeeiros de uma povoaçãozinha ou os faróis traseiros de um carro numa estrada isolada e as luzes verdes e vermelhas de sinais ferroviários, mas, na maior parte do tempo, o mundo lá fora era escuro como breu e eles não conseguiam ver nada senão o seu próprio reflexo no vidro da janela.

Duas horas depois, de madrugada, Mevlut viu que havia lágrimas nos olhos de Rayiha. O compartimento ainda estava vazio e o comboio ia percorrendo o seu caminho barulhento por uma paisagem de matiz púrpura com penedos em todos os cantos.

«Queres voltar para casa?», perguntou-lhe Mevlut. «Mudaste de ideia?»

Ela chorou ainda com mais força. Mevlut pôs desajeitadamente o braço em torno dos ombros dela, mas depois, porque era tão desconfortável, retirou o braço. Rayiha chorou durante muito tempo. Mevlut sentiu culpa e remorso.

«Tu não me amas», disse ela finalmente.

«Porque é que dizes isso?»

«As tuas cartas eram tão cheias de amor, mas enganaste-me. Foste mesmo tu quem as escreveu?»

«Escrevi-as todas eu próprio», disse Mevlut.

Rayiha continuou a chorar.

Uma hora depois, quando o comboio parou na estação de Afyonkarahisar, Mevlut saltou da carruagem e trouxe algum pão, dois triângulos de queijo de barrar e um pacote de bolachas. Um rapaz estava a vender chá que trazia num tabuleiro. Compraram algum para beber com o pequeno-almoço enquanto o comboio avançava pela margem do rio Aksu. Mevlut ficou contente de ver Rayiha a olhar pela janela da carruagem para as cidades por que passavam, os choupos, os tratores, as carroças de cavalo, os miúdos a jogar futebol e os rios a correr debaixo de pontes de aço. Tudo era interessante; o mundo inteiro era novo.

Entre as estações de Alayurt e Uluköy, Rayiha adormeceu com a cabeça encostada ao ombro de Mevlut. Mevlut não podia negar que isto o fazia feliz nem que o fazia ter um sentimento de

responsabilidade. Dois polícias e um velho vieram sentar-se no compartimento deles. Mevlut viu postes de alta tensão, camiões nas estradas asfaltadas e pontes novas de betão e leu isso como sinais de que o país estava a crescer e a desenvolver-se. Não gostou dos *slogans* políticos que viu rabiscados em muros de fábricas e à volta de bairros pobres.

Mevlut adormeceu, surpreendido por lhe estar a dar o sono.

Acordaram os dois quando o comboio parou em Eskişehir e, por momentos, apanharam um susto, pensando que os polícias os tinham apanhado, mas depois acalmaram-se e sorriram um para o outro.

Rayiha tinha um sorriso muito genuíno. Era difícil de acreditar que ela pudesse estar a esconder alguma coisa ou suspeitar que fosse capaz de qualquer tipo de esquemas. Tinha um rosto aberto, honesto, cheio de luz. Lá no fundo, Mevlut sabia que ela de certeza estivera conluída com os que o tinham enganado, mas, quando olhava para a cara dela, não conseguia impedir-se de pensar que Rayiha tinha de estar inocente no meio disto tudo.

Enquanto o comboio se ia aproximando de Istambul, conversaram sobre as fábricas gigantescas pelas quais iam passando e sobre as chamas que irrompiam das altas chaminés da refinaria de petróleo de Izmit e ficaram a pensar para que canto do mundo é que os grandes navios mercantes que avistavam iriam seguir. Tal como as irmãs, Rayiha frequentara a escola primária e sabia dizer os nomes dos países distantes para além do mar sem demasiada dificuldade. Mevlut sentiu-se orgulhoso dela.

Rayiha já estivera uma vez em Istambul por ocasião do casamento da irmã mais velha. Mas, mesmo assim, perguntou com acanhamento: «Já chegámos a Istambul?»

«Kartal já é Istambul, acho eu», disse Mevlut, com a segurança da familiaridade. «Mas ainda falta bastante.» Chamou a atenção dela para as Ilhas dos Príncipes adiante deles e prometeu levá-la lá um dia.

Nem uma única vez, durante a curta vida de Rayiha, chegariam a fazer isso.



## PARTE II

Quarta-feira, 30 de março de 1994

Ora vejam os Circassianos... deixem-nos beber a sua dose de boza num casamento ou num funeral e é ver as facas saírem-lhes das bainhas.

— Lermontov,  
*Um Herói do Nosso Tempo*

## MEVLUT, TODAS AS NOITES DE INVERNO DOS ÚLTIMOS VINTE E CINCO ANOS

DEIXEM EM PAZ O VENDEDOR DE BOZA

Em março de 1994, doze anos depois de Mevlut e Rayiha terem fugido para Istambul, Mevlut estava a vender boza numa noite muito escura quando se viu frente a frente com um cesto baixado rápida, mas silenciosamente, das alturas.

«Vendedor de boza, vendedor de boza, boza para dois, por favor!», chamou uma voz infantil.

O cesto caíra noite adentro para junto de Mevlut como um anjo. Ficou espantado ao vê-lo, porque, em Istambul, o hábito de comprar produtos a vendedores ambulantes através de um cesto atado a uma corda e atirado de uma janela dos andares mais altos praticamente desaparecera. Isto fazia-o recordar os seus tempos de escola preparatória, vinte e cinco anos atrás, em que costumava ajudar o pai a vender iogurte e boza. Mevlut despejou no púcaro esmaltado que vinha dentro do cesto mais boza do que a criança lá de cima pedira — não apenas o suficiente para dois copos, mas quase um quilo inteiro. Sentia-se bem, como se tivesse sido tocado por um anjo. Nos últimos anos, os seus pensamentos e devaneios tinham-se frequentemente virado para questões espirituais.

Antes de prosseguirmos, e para que haja a certeza de que a nossa história é devidamente compreendida, talvez eu deva explicar, para os leitores estrangeiros que nunca ouviram falar disso ou para as futuras gerações de leitores turcos que, receio eu, esquecerão tudo a este respeito dentro dos próximos vinte ou trinta anos, que boza é uma bebida asiática tradicional feita de trigo fermentado, com uma consistência grossa, um aroma agradável, cor amarelo-escura e uma graduação baixa. Esta história já está cheia de coisas estranhas e não me agrada que as pessoas possam pensar que ela é completamente esquisita.

A boza estraga-se rapidamente e azeda ao calor, de modo que, nos velhos tempos, sob o domínio dos Otomanos, era vendida sobretudo em lojas e durante o inverno. Quando a República da

Turquia foi fundada, em 1923, as lojas de boza de Istambul há muito tinham fechado, expulsas pelas cervejarias alemãs. Mas os vendedores de rua que vendiam esta bebida tradicional nunca desapareceram. Depois dos anos cinquenta, a venda de boza tornou-se a coutada de gente como Mevlut, que percorria as ruas empedradas pobres e abandonadas nos fins de tarde de inverno gritando «bozaaaa», recordando-nos séculos passados, os bons velhos tempos de antigamente.

Presentindo alguma impaciência das crianças lá em cima no quinto andar, Mevlut meteu no bolso as notas que elas tinham deixado no cesto e pôs o troco em moedas ao lado do púcaro. Deu um puxão suave ao cesto, tal como costumava fazer em criança quando ele e o pai vendiam os seus produtos pelas ruas, e foi-se embora.

O cesto de verga fez uma rápida ascensão, balançando de lado a lado ao vento frio, batendo contra os parapeitos das janelas e as goteiras dos andares abaixo da janela das crianças. Tiveram de se esforçar, mas, finalmente, chegado ao quinto andar, pairou por momentos, como uma gaiivota feliz a planar na corrente ideal. Depois, como uma coisa misteriosa e proibida, desapareceu na noite e Mevlut seguiu o seu caminho.

«*B000-zaaaaaa*», gritou para a rua mal iluminada. «*Booooooa boozaaaaaa!*»

Usar um cesto para comprar coisas na rua era um costume vindo dos tempos em que os edifícios de Istambul não tinham elevadores nem campainhas automáticas e raramente tinham mais de cinco ou seis andares. Em 1969, quando Mevlut começou a trabalhar com o pai, as donas de casa que preferiam não sair de casa usavam o cesto para comprar não apenas boza, mas também o seu iogurte diário e mesmo vários artigos ao marçano. Como não tinham telefone em casa, atavam uma campainha pequena ao fundo do cesto para avisar o merceiro ou um vendedor de passagem de que precisavam de alguma coisa. O vendedor, por sua vez, tocava a campainha e abanava o cesto para assinalar que o iogurte ou a boza tinham sido postos dentro dele em segurança. Mevlut sempre gostara de ver os cestos a fazerem o caminho de regresso até lá acima: alguns deles ondulavam na brisa, batendo contra as janelas, os ramos, cabos

elétricos e telefónicos e as cordas da roupa esticadas entre os edifícios, fazendo a campainha reagir a cada colisão com um agradável tilintar. Os clientes habituais punham também o seu registo das contas no cesto, para que Mevlut acrescentasse ao rol o iogurte do dia antes de devolver o cesto lá para cima. O pai de Mevlut não sabia ler nem escrever e, antes de o filho se lhe juntar vindo da aldeia, costumava tomar nota das compras nesses talões com traços (um traço era um quilo, meio traço, meio quilo, e assim por diante). Ficava inchado de orgulho ao ver o seu rapaz a escrever números e notas mais pormenorizadas, como «iogurte com creme; segunda a sexta-feira», para alguns clientes.

Mas Istambul mudara tanto no curso dos últimos vinte e cinco anos que estas memórias agora pareciam contos de fadas a Mevlut. Quando chegara pela primeira vez à cidade, a maioria das ruas era empedrada, mas agora estavam asfaltadas. Os edifícios de três andares rodeados por jardins que tinham constituído a maior parte da cidade haviam sido arrasados e substituídos por blocos de apartamentos mais altos em que era impossível as pessoas que viviam nos andares de cima ouvirem o pregão de um vendedor que passasse na rua lá em baixo. Em vez de rádios, havia agora aparelhos de televisão que ficavam ligados o serão inteiro abafando a voz do vendedor de boza. As pessoas tranquilas, intimidadas, de roupas cinzentas e sombrias que costumavam encher as ruas tinham sido substituídas por multidões desordeiras, enérgicas e mais afirmativas. Mevlut vivera estas mudanças em doses diárias, não como um choque inesperado, e assim, diferentemente de alguns outros, não lastimava a transformação. Em vez disso, tentava manter-se a par destas vastas transformações e escolhia sempre bairros onde sabia que podia ter a certeza de ser bem recebido.

Um sítio como Beyoğlu, por exemplo! O bairro mais populoso e o que ficava mais perto da casa dele. Há quinze anos, com o fim dos anos setenta a aproximar-se, quando os cabarés decrépitos e os clubes noturnos e bordéis meio escondidos da área ainda estavam abertos, Mevlut conseguia fazer vendas nas ruas secundárias até à meia-noite. As mulheres que cantavam e trabalhavam como

alternadeiras em clubes noturnos de caves aquecidas por fogões; os admiradores dedicados delas; os homens de meia-idade de bigodes que vinham do interior da Anatólia fazer compras em Istambul e, no final de um longo dia, gostavam de pagar bebidas às alternadeiras; os mais miseráveis recém-chegados a Istambul e os turistas árabes e paquistaneses que ficavam extasiados por estarem sentados à mesa num clube noturno com algumas mulheres; os criados, os seguranças e os porteiros — todos compravam boza a Mevlut mesmo à meia-noite. Mas, sensivelmente na última década, o demónio da mudança enfeitiçara o bairro, tal como fizera à cidade inteira, e o tecido do passado rasgara-se, obrigando esses habitantes a partir e os clubes que tocavam música otomana e música turca e continental ao estilo europeu a fechar, dando lugar a novos estabelecimentos barulhentos que serviam vários tipos de espetadas cozinhadas numa grelha aberta e acompanhadas com *rakı*. As multidões jovens que gostavam de ir dançar não se interessavam por boza, de maneira que Mevlut deixou de ir para onde quer que fosse perto da Avenida İstiklal.

Todas as noites, durante vinte e cinco anos, por volta das oito e meia, quando o noticiário da noite estava a terminar, Mevlut preparava-se para sair da sua casa alugada em Tarlabaşı. Vestia a camisola castanha que a mulher tinha feito, o gorro de lã e o avental azul que causava tanta impressão aos clientes, pegava na bilha que continha a boza adoçada e condimentada com especiarias especiais pela mulher ou pelas filhas, calculava, baseado na experiência, quanto é que pesava (por vezes, em noites frias, dizia que elas não tinham preparado suficiente), vestia o casaco escuro e dizia adeus às pessoas de casa. Quando as filhas eram pequenas, costumava dizer-lhes para não ficarem a pé à espera dele, mas, nos tempos que corriam, só lhes dizia «Não vou demorar» enquanto os olhos delas permaneciam firmemente fixos na televisão.

A primeira coisa que fazia quando saía lá para fora para o frio era pôr aos ombros a grossa vara de carvalho que usara durante vinte e cinco anos para transportar a carga, uma bilha de plástico cheia de boza atada em cada ponta, e, como um soldado prestes a lançar-se no campo de batalha, verificava as suas munições uma última vez,

com as bolsas do cinto e os bolsos interiores do casaco cheios de saquinhos de grão-de-bico torrado e de canela (preparados em casa pela mulher, pelas filhas, cada vez mais impacientes e irritáveis, ou pelo próprio Mevlut), e, finalmente, partia para a sua interminável caminhada noturna.

«Booooo booozaaaa...»

Não tardava a chegar aos bairros mais abastados e, nessa altura, uma vez em Taksim, dirigia-se rapidamente para o local, fosse qual fosse, que escolhera para aquele dia, fazendo vendas regulares com apenas uma meia hora de intervalo para um cigarro.

Eram nove e trinta quando o cesto caiu ao pé de Mevlut como um anjo naquela noite, e ele estava em Pangaltı. Às dez e trinta, estava nas ruas traseiras de Gümüşsuyu, numa viela escura que ia dar à pequena mesquita, quando viu uma matilha de cães vadios em que reparara pela primeira vez algumas semanas atrás. Os cães nunca incomodavam os vendedores ambulantes, de modo que, até há pouco tempo, Mevlut não tinha medo deles. Mas desta vez sentiu o coração bater mais depressa com um impulso estranho e começou a ficar preocupado. Sabia que os cães vadios atacam ao cheiro do medo. Tentou pensar noutra coisa.

Tentou pensar nas suas meninas a rir-se em frente à televisão; nos ciprestes do cemitério; na casa a que não tardaria a regressar e onde ficaria a conversar com a mulher; no seu Santo Guia, que dizia que o coração deve manter-se puro; no anjo que vira em sonhos certa noite. Mas isto não foi suficiente para afastar o seu medo dos cães.

«*Ão! Ão!*», ladrrou um, aproximando-se dele.

Havia um segundo atrás do primeiro. Era difícil vê-los na escuridão; tinham uma cor castanho-escura. À distância, Mevlut viu um preto.

Os três cães e um quarto que ele não conseguia ver começaram todos a ladrar ao mesmo tempo. Mevlut foi agarrado por um tipo de medo que só experimentara uma ou duas vezes como vendedor ambulante, e só quando era criança. Não conseguia lembrar-se de nenhum dos versos e orações destinados a repelir cães. Não mexeu um músculo. Mas os cães continuaram a ladrar.

Olhou em volta à procura de uma porta aberta pela qual fugir, uma soleira onde refugiar-se. Seria de usar o pau que trazia às costas como arma?

Uma janela abriu-se. «Xô!», gritou alguém. «Deixem o vendedor de boza em paz! Xô, xô!»

Os cães calaram-se, atemorizados, e foram-se embora.

Mevlut sentiu uma forte gratidão para com a figura da janela do terceiro andar.

«Não pode mostrar-lhes que está com medo, vendedor de boza», disse o homem. «Eles são uns sacanas do piorio, estes cães, são capazes de perceber quando alguém tem medo. Está a entender?»

«Obrigado», disse Mevlut, pronto para prosseguir caminho.

«Bem, venha cá acima e vamos lá comprar então alguma dessa boza.» Mevlut não estava lá muito satisfeito com os modos paternalistas do homem, mas, mesmo assim, dirigiu-se à porta.

A porta abriu-se com um *bzzzz* do mecanismo. No interior do edifício, cheirava a gás butano, óleo de fritar e tinta. Mevlut subiu pausadamente as escadas até ao terceiro andar. Uma vez chegado ao apartamento, convidaram-no a entrar, tal como as pessoas amáveis costumavam fazer nos velhos tempos, em vez de o fazerem esperar fora da porta:

«Entre, vendedor de boza, deve estar com frio.»

Havia várias filas de sapatos alinhadas do lado de fora da porta. Ao inclinar-se para desapertar os cordões dos sapatos, lembrou-se do seu velho amigo Ferhat: «Há três tipos de edifícios em Istambul», costumava ele dizer: 1) os que estão cheios de famílias devotas em que as pessoas dizem as orações diárias e deixam os sapatos do lado de fora da porta, 2) as casas ricas e ocidentalizadas em que se pode entrar calçado, 3) novos blocos de muitos andares onde se pode encontrar uma mistura de ambos os géneros.

Este edifício em particular situava-se num bairro abastado. As pessoas aqui não tiravam os sapatos nem os deixavam à porta antes de entrarem. Mas, por alguma razão, Mevlut sentia-se como se estivesse num daqueles grandes blocos de apartamentos novos, em que as pessoas religiosas tradicionalistas se misturavam com outras

mais ocidentalizadas. Em todo o caso, naquelas raras ocasiões nos dias de hoje em que era convidado a entrar em salas de estar ou em cozinhas, era sempre suficientemente respeitoso para tirar os sapatos à porta, independentemente de estar numa casa vulgar ou no apartamento de uma família mais abastada. «Deixe lá os sapatos, vendedor de boza!», gritavam por vezes lá de dentro, mas ele ignorava-os.

Havia um forte cheiro a *rakı* neste apartamento. Ele podia ouvir o tagarelar animado de pessoas que já estavam bêbedas mesmo antes de o jantar ter terminado. Um grupo misto de seis ou sete homens e mulheres estava sentado a uma mesa que ocupava quase todo o comprimento de uma sala de estar, bebendo e rindo-se em frente da televisão, que, como em todas as casas, estava ligada com o som demasiado alto.

A mesa calou-se quando percebeu que Mevlut estava na cozinha.

Havia um homem na cozinha que estava completamente bêbedo. «Vá lá, dê-nos um bocado de boza, vendedor de boza», disse. Este não era o homem que Mevlut vira à janela. «Trouxe grão-de-bico torrado e canela?»

«Trouxe!»

Mevlut precaveu-se de perguntar a esta companhia quantos quilos queria.

«Quantos são vocês?»

«Quantos são vocês?», gritou o bêbedo para a sala de estar em tom trocista. Houve muitas risadas e discussões em resposta e o grupo da mesa levou algum tempo a contar.

«Vendedor de boza, eu não quero nada se estiver amarga», ouviu Mevlut uma mulher dizer da mesa do jantar.

«A minha boza é doce», respondeu Mevlut.

«Então não me dê nenhuma», disse uma voz masculina. «A boza boa é a amarga.»

Começaram a discutir entre eles.

«Venha cá, vendedor de boza», chamou uma outra voz embriagada.

Mevlut passou da cozinha para a sala de estar, sentindo-se pobre e desfasado. Por um momento, tudo ficou tranquilo e silencioso. Toda a gente à mesa de jantar estava a sorrir para ele,



lançando-lhe olhares curiosos. Era provavelmente a novidade de verem uma relíquia viva do passado que agora passara de moda. Nos últimos anos, Mevlut acostumara-se a ser alvo deste tipo de olhares.

«Vendedor de boza, uma boza como deve ser é doce ou amarga?», disse um homem de bigode.

As três mulheres tinham todas o cabelo pintado de louro. Mevlut reparou que o homem que tinha aberto a janela há um bocado e o salvara dos cães estava sentado numa das pontas da mesa em frente de duas das mulheres. «A boza pode ser tanto doce como amarga», disse Mevlut. Era uma resposta que memorizara durante vinte e cinco anos.

«Vendedor de boza, isto dá para ganhar a vida?»

«Dá, graças a Deus.»

«Então ganha-se bem neste trabalho, eh? Há quanto tempo é que anda nisto?»

«Ando nisto há vinte e cinco anos. Dantes, vendia também iogurte de manhã.»

«Se anda nisto há vinte e cinco anos e se se ganha bem, então já deve estar rico, não é verdade?»

«Não posso dizer que esteja», disse Mevlut.

«Porquê?»

«Todos os parentes que vieram comigo da aldeia estão ricos agora, mas acho que isso simplesmente não me estava destinado.»

«Porque não?»

«Porque sou honesto», disse Mevlut. «Não sou capaz de mentir ou de vender comida estragada ou de enganar seja quem for só para comprar uma casa ou dar à minha filha um casamento como deve ser...»

«Tu és um homem religioso?»

Mevlut aprendera entretanto que esta pergunta implicava conotações políticas nas casas mais abastadas. O partido islamista, que era sobretudo apoiado pelos pobres, ganhara as eleições autárquicas três dias antes. Também Mevlut votara no candidato deles, que, inesperadamente, fora eleito presidente da Câmara de Istambul, por ser religioso e ter frequentado a escola de Piyale Paşa em Kasımpaşa, onde as filhas de Mevlut andavam agora.

«Eu sou um negociante», replicou Mevlut com argúcia. «Como é que um negociante pode ser religioso?»

«Porque é que não havia de ser?»

«Eu estou sempre a trabalhar. Se uma pessoa anda cá fora pelas ruas o tempo todo, é impossível poder-se rezar cinco vezes ao dia...»

«E o que é que fazes nas manhãs?»

«Fiz toda a espécie de coisas... Vendi arroz com grão-de-bico, trabalhei como criado de mesa, vendi gelados, fui gerente... Posso fazer seja o que for.»

«Gerente de quê?»

«Do Café Binbom. Era em Beyoğlu, mas fechou. Conheciam o café?»

«E agora o que é que fazes nas manhãs?», disse o homem da janela.

«De momento, estou livre.»

«Tem uma mulher, família?», perguntou uma mulher loura de feições suaves.

«Tenho. Tenho duas lindas meninas, graças a Deus.»

«Vai mandá-las à escola, não vai? Vai obrigá-las a cobrir a cabeça quando forem mais velhas?»

«A sua mulher usa lenço de cabeça?»

«Não somos mais do que pobre gente de aldeia vinda do campo», disse Mevlut. «Prezamos muito as nossas tradições.»

«É por isso que vende boza?»

«A maior parte dos meus conterrâneos veio para Istambul para vender iogurte e boza, mas, na verdade, não é coisa que realmente conhecêssemos na nossa aldeia.»

«Então só descobriu a boza na cidade?»

«Sim.»

«E onde é que aprendeu a apregoar como um verdadeiro vendedor de boza?»

«Tem uma voz bonita, como um muezim.»

«O que verdadeiramente faz vender a boza é a emoção da voz do vendedor», disse Mevlut.

«Mas, vendedor de boza, não tem medo de andar à noite pelas ruas ou, pelo menos, não se aborrece?»

«Deus Todo-Poderoso há de sempre proteger o pobre vendedor de boza. Ponho-me sempre a pensar em coisas boas quando ando fora.»

«Mesmo quando está numa rua escura e deserta, mesmo quando passa por cemitérios e cães vadios, quando vê demónios e fadas?»

Mevlut não respondeu.

«Como é que se chama?»

«Mevlut Karataş.»

«Vamos lá então, senhor Mevlut, mostre-nos como é que diz “bozaaaa”.»

Esta não era a primeira mesa com gente bêbeda que Mevlut enfrentava. Quando começara a trabalhar como vendedor ambulante, havia muita gente bêbeda que lhe perguntava se havia eletricidade na aldeia dele (não havia, na altura em que viera para Istambul, mas agora, em 1994, já existia), se tinha andado na escola, seguido por perguntas como «Que é que sentiu da primeira vez que andou de elevador?» ou «Quando é que foi pela primeira vez ao cinema?» Naqueles primeiros anos, Mevlut inventava respostas divertidas para ganhar as boas graças dos clientes que o convidavam a entrar nas suas salas de estar; não tinha dúvidas em fazer-se mais inocentemente ignorante e menos batido nas ruas do que era, e os seus simpáticos clientes habituais não precisavam de pedir duas vezes para ouvir o pregão «Boozaaaa» que reservava normalmente para as ruas.

Mas esses eram os velhos tempos. Hoje em dia, Mevlut sentia um ressentimento que não era capaz de explicar. Não fora a gratidão que sentia para com o homem que o tinha salvado dos cães e teria acabado a conversa ali, ter-lhes-ia dado a boza que queriam e ido embora.

«Então quantas pessoas é que querem boza?», perguntou.

«Oh, ainda não lhes deu boza na cozinha? E nós que estávamos a pensar que já tinha tratado disso!»

«Onde é que arranja esta boza?»

«Faço-a eu próprio.»

«Não me diga! Eu pensava que todos os vendedores de boza a compravam simplesmente já pronta.»

«Agora há uma fábrica em Eskişehir; já existe há cinco anos», disse Mevlut. «Mas eu compro a boza em bruto no lugar mais antigo e melhor, a Loja de Boza de Vefa. Depois, misturo com os meus próprios ingredientes e transformo-a numa coisa capaz de se beber.»

«Então acrescenta-lhe açúcar em casa?»

«Por natureza, a boza é ao mesmo tempo doce e amarga.»

«Ora, ora! A boza é para ser amarga. É o processo de fermentação que a torna amarga, é o álcool, da mesma maneira que com o vinho.»

«A boza tem álcool?», perguntou uma das mulheres, de sobrancheiras erguidas.

«Querida, tu não sabes nada, pois não?»», disse um dos homens. «A boza era a bebida de eleição sob os Otomanos, na altura em que o álcool e o vinho eram proibidos. Quando Murad IV andava disfarçado pelas ruas de noite, não mandava fechar apenas as tabernas e os cafés, mas também as lojas de boza.»

«Porque é que ele proibiu os cafés?»

Isto desencadeou uma daquelas discussões de bêbedo que Mevlut testemunhara muitas vezes em bares e às mesas de bebedores inveterados. E, por um momento, esqueceram-se dele.

«Vendedor de boza, diga-nos você, a boza tem álcool?»

«A boza não tem álcool», disse Mevlut, sabendo muito bem que não era verdade. O pai dele também costumava mentir a este respeito.

«Ora, ora, vendedor de boza... A boza tem algum álcool, embora talvez não muito. Acho que era assim que aqueles tipos religiosos conseguiam embebedar-se durante a era otomana; “claro que a boza não tem álcool”, diriam, e, depois, despejavam alegremente dez copos e ficavam com uma borracheira de caixão à cova. Mas depois da fundação da República e de Atatürk ter legalizado o *rakı* e o vinho, a boza deixou de fazer sentido; acabou ali mesmo, há setenta anos.»

«Talvez a boza volte a estar em voga se algumas das proibições religiosas forem restabelecidas...», disse um bêbedo de nariz afilado que disparou um olhar desafiador na direção de Mevlut. «O que é que pensa dos resultados das eleições?»

«Não», disse Mevlut sem pestanejar. «A boza não tem álcool. Se não fosse assim, eu não andava a vendê-la.»

«Estás a ver, o homem não é como tu, ele preza as suas crenças», disse um dos homens a outro.

«Fala por ti. Eu sou religioso, mas também gosto do meu *rakı*», disse o homem do nariz afilado. «Vendedor de boza, está a dizer que a boza não tem álcool porque está com medo?»

«Eu só tenho medo de Deus», disse Mevlut.

«Oooh, aí tens a tua resposta, eh?»

«Mas os cães vadios e os ladrões de noite não te dão preocupações?»

«Ninguém vai fazer mal a um pobre vendedor de boza», disse Mevlut sorrindo. Também esta era uma das respostas que tinha na ponta da língua. «Bandidos e ladrões não incomodam os vendedores de boza. Há vinte e cinco anos que tenho esta profissão. Nunca me assaltaram. Toda a gente respeita um vendedor de boza.»

«Porquê?»

«Porque há muito tempo que a boza existe, trazida até nós pelos nossos antepassados. De certeza que não há mais do que quarenta vendedores de boza a andar pelas ruas de Istambul esta noite. Há muito pouca gente como vós que compre mesmo boza. A maior parte das pessoas contenta-se com ouvir o pregão do vendedor de boza e recordar o passado. E esse sentimento faz feliz o vendedor de boza, é isso que o incita a continuar.»

«Você é uma pessoa religiosa?»

«Sim, sou um homem temente a Deus», disse Mevlut, sabendo que estas palavras iam assustá-los um bocado.

«E também ama Atatürk?»

«Sua Excelência, o Marechal Mustafa Kemal Pasha, passou por Akşehir, perto de onde eu venho, em 1922», informou-os Mevlut. «Depois, estabeleceu a república em Ancara e a seguir foi para Istambul, onde ficou alojado no Hotel Park em Taksim... Um dia, estava à janela do seu quarto, quando reparou que a alegria e o bulício habituais pareciam ter desaparecido da cidade. Perguntou o que se passava ao seu assistente, que lhe disse, “Excelência, nós proibimos os vendedores ambulantes de entrar

na cidade, porque na Europa não têm vendedores desses e nós pensámos que íeis ficar zangado”. Mas foi precisamente isto que fez Atatürk zangar-se. “Os vendedores ambulantes são os pássaros canoros das ruas, são a vida e a alma de Istambul”, disse. “Não devem ser proibidos em nenhuma circunstância.” A partir desse dia, os vendedores ambulantes ficaram autorizados a percorrer as ruas de Istambul.»

«Viva Atatürk!», disse uma das mulheres.

Alguns dos outros comensais deram vivas em resposta. Mevlut juntou-se-lhes.

«Está bem, pronto, mas o que é que vai acontecer a Atatürk, ao secularismo, se os partidos islamistas conquistarem o poder? A Turquia vai ficar como o Irão?»

«Não te preocupes com isso; o exército não os vai deixar fazer isso. Organizam um golpe, fecham o partido e mandam-nos a todos para a prisão. Não é assim, vendedor de boza?»

«Tudo o que eu faço é vender boza», disse Mevlut. «Não me meto na alta política. Deixo isso para quem está acima de mim.»

Embora todos estivessem bêbedos, perceberam a farpa na observação de Mevlut.

«Eu sou precisamente como tu, vendedor de boza. As únicas coisas de que tenho medo são Deus e a minha sogra.»

«Vendedor de boza, você tem uma sogra?»

«Não cheguei a conhecê-la, infelizmente», disse Mevlut.

«Como é que se casou?»

«Apaixonámo-nos e fugimos juntos. Nem toda a gente pode dizer o mesmo.»

«Como é que se conheceram?»

«Vimo-nos no casamento de um parente e foi amor à primeira vista. Escrevi-lhe cartas durante três anos.»

«Olha, olha, vendedor de boza, mas você é cheio de surpresas!»

«E o que é que a sua mulher faz agora?»

«Faz algum trabalho de malha e bordado em casa. Também nem toda a gente é capaz de fazer as coisas que ela faz.»

«Vendedor de boza, se bebermos a sua boza, vamos ficar ainda mais bêbedos do que já estamos?»

«A minha boza não vos vai embebedar», disse Mevlut. «Sois oito, dou-vos dois quilos.»

Voltou para a cozinha, mas levou algum tempo a juntar a boza, o grão-de-bico torrado e a canela e a receber o seu dinheiro. Voltou a calçar os sapatos, com a viveza dos tempos em que tinha clientes a fazer bicha à espera dele e em que tinha de andar sempre a correr.

«Vendedor de boza, lá fora está húmido e há lama, tenha cuidado», gritaram da sala de estar. «Não deixe que o assaltem, não deixe que os cães o façam em bocados!»

«Vendedor de boza, volte outra vez!», disse uma das mulheres.

Mevlut estava farto de saber que eles não iam verdadeiramente querer boza outra vez, que só o tinham chamado porque lhe tinham ouvido a voz e queriam ser entretidos no meio da bebedeira. O ar frio lá fora era agradável.

«Booo-zaaaa.»

Em vinte e cinco anos, tinha visto tantas casas como esta, tanta gente e tantas famílias, tinha ouvido estas perguntas milhares de vezes. Lá para o fim dos anos setenta, nas ruas secundárias escuras de Beyoğlu e Dolapdere, circulando entre os animadores de clubes noturnos, os jogadores, os rufiões, os chulos e as prostitutas, deparara com muitos grupos de comensais bêbedos como este. Tornara-se versado na arte de não se deixar envolver demasiado com os bêbedos, de lidar com eles «sem olhar ninguém olhos nos olhos», como alguns dos tipos sabidos do serviço militar costumavam dizer, e de voltar para a rua sem desperdiçar demasiado tempo.

Há vinte e cinco anos, quase toda a gente o convidava a entrar, a ir à cozinha, onde lhe perguntavam se estava com frio, se ia à escola de manhã e se queria uma chávena de chá. Alguns convidavam-no para a sala de estar e mesmo para se sentar à mesa. Eram os bons velhos tempos em que estava tão ocupado a despachar-se para entregar encomendas que não podia fazer um intervalo para gozar devidamente a hospitalidade e afeição das pessoas. Mevlut sabia que estivera particularmente sensível a isto nesta noite porque havia muito que ninguém mostrava tanto interesse nele. E aquele até era um bando estranho; nos velhos tempos, era raro encontrar

homens e mulheres a beber *rakı* e a entreter-se com uma conversa de bêbedos numa casa de família como deve ser, com uma cozinha e tudo o resto. O seu amigo Ferhat costumava provocá-lo, só meio a brincar: «Porque é que alguém havia de querer a tua boza de três graus quando podem todos embebedar-se juntos em família com o *rakı* do Estado de marca *Tekel* com 45° de graduação? Este negócio não tem futuro, Mevlut, deixa-o lá por amor de Deus! Este país já não precisa da tua boza para se embebedar.»

Meteu por uma das ruas secundárias que levavam até lá abaixo a Findıklı, onde deixou meio quilo a um cliente habitual e, ao sair do edifício, viu duas sombras suspeitas no umbral de uma porta. Se se pusesse a pensar demasiado nestes «suspeitos», eles saberiam (como num sonho) que estava a pensar neles e podiam tentar então fazer-lhe mal. Mas não conseguiu evitá-lo; as sombras tinham-lhe prendido a atenção.

Quando se virou instintivamente para verificar se havia cães a segui-lo, teve a certeza, por um segundo, de que as sombras vinham na sua cola. Mas tinha relutância em acreditar. Tocou a campainha duas vezes com vigor e duas com pouca convicção, mas com pressa. «Bo-zaa», apregooou. Decidiu evitar Taksim e meter por um atalho a caminho de casa descendo os degraus até ao cõncavo entre as colinas e subindo depois de regresso a Cihangir.

Estava a descer as escadas, quando uma das sombras chamou: «Olá, vendedor de boza, espera aí um minuto.»

Mevlut fingiu que não ouvia. Desceu cautelosamente alguns degraus a correr, com a canga equilibrada sobre os ombros. Mas, quando ultrapassou a zona iluminada pelos candeeiros, teve de abrandar.

«Ei, vendedor de boza, eu disse para esperares! Não vamos morder-te, só queremos alguma boza.»

Mevlut parou, sentindo-se um pouco envergonhado por estar com medo. Uma figueira tapava a luz de um dos candeeiros, de maneira que o patamar ao fundo das escadas estava especialmente às escuras. Era o mesmo sítio onde ele costumava estacionar o seu carrinho de gelados de três rodas nos fins de tarde daquele verão em que fugira com Rayiha.



«Quanto é que custa a tua boza?», disse um deles, descendo as escadas com ar de rufia.

Agora, os três estavam debaixo da figueira, às escuras. As pessoas que estavam mortas por um copo de boza tendiam a perguntar primeiro o preço, mas faziam-no normalmente de uma maneira suave, mesmo acanhada, em tom bem-educado, e não agressivo. Alguma coisa não estava bem ali. Mevlut indicou metade do seu preço normal.

«É um bocado caro», disse o mais musculoso dos dois homens. «Está bem, dá-nos dois copos. Aposto que fazes dinheiro aos montes.»

Mevlut pousou as suas bilhas no chão e tirou um grande copo de plástico do bolso do avental. Encheu-o com boza. Entregou-o ao homem mais jovem e mais pequeno.

«Aqui está.»

«Obrigado.»

Ao encher o segundo copo, sentiu-se quase culpado do silêncio incómodo que se instalara. O homem maior pressentiu o seu embaraço.

«Estás com pressa, vendedor de boza, há assim tanto que fazer?»

«Não, não», disse Mevlut. «Os negócios andam meio parados. A boza já não é o que era, não nos safamos nem de longe tão bem como antigamente. Já ninguém compra boza. Eu nem estava para sair hoje, mas tenho alguém doente em casa e precisamos do dinheiro extra para preparar um bocado de sopa quente.»

«Quanto é que fazes num dia?»

«Conhece o ditado, nunca perguntes a idade a uma mulher, nem o salário a um homem», disse Mevlut. «Mas você perguntou, por isso vou-lhe dizer», acrescentou, entregando agora à silhueta do homem mais encorpado o seu copo de boza. «Quando as vendas são boas, fazemos que chegue para continuar a viver mais um dia. Mas num dia fraco como hoje, vamos para casa com fome.»

«Não tens apetito de estares com fome. Donde é que tu és?»

«De Beyşehir.»

«Onde raio fica isso?»

Mevlut não respondeu.

«Há quanto tempo é que vives em Istambul?»

«Há uns vinte e cinco anos.»

«Estás aqui há vinte e cinco anos e ainda dizes que és de Beyşehir?»

«Não... você é que perguntou.»

«Deves ter feito bom dinheiro nesse tempo todo.»

«Qual dinheiro? Olhem para mim, ainda estou a trabalhar à meia-noite. Donde é que vocês são?»

Os homens não responderam e Mevlut ficou com medo. «Querem um bocadinho de canela por cima?», perguntou.

«Pode ser. Quanto custa a canela?»

Mevlut tirou a latinha da canela do avental. «O grão-de-bico e a canela são por conta da casa», disse, espalhando alguma canela nos dois copos. Tirou dois saquinhos de grão-de-bico torrado do bolso. Em vez de se limitar a passá-los aos clientes, como habitualmente faria, abriu os sacos e espargiu o grão-de-bico nos copos no escuro da noite, como um criado solícito.

«O melhor acompanhamento para boza é grão-de-bico torrado», disse.

Os homens olharam um para o outro e esvaziaram os copos.

«Bem, então faz-nos um favor neste dia mau», disse o mais velho e mais corpulento dos dois homens quando acabou de beber.

Mevlut sabia o que aí vinha e tentou salvar a situação.

«Se não traz dinheiro consigo agora, pode pagar-me noutra altura, amigo. Se nós, os pobres, nesta grande cidade não nos ajudarmos uns aos outros quando há precisão, quem é que o vai fazer? Este fica por minha conta, se quiserem.» Fez um movimento para voltar a pôr a canga em cima dos ombros, como se fosse para prosseguir caminho.

«Mais devagar, vendedor de boza», interrompeu o homem bem constituído. «Nós dissemos para nos fazeres um favor hoje, não dissemos? Dá-nos o teu dinheiro.»

«Mas eu não trago dinheiro comigo», disse Mevlut. «Só uns trocos de um ou dois copos que vendi a alguns clientes, é tudo. E tenho de comprar remédios para o doente que temos em casa e eu não...»

De repente, o homem mais pequeno sacou do bolso uma faca de ponta e mola. Carregou no botão e a lâmina abriu-se com um estalido no meio do silêncio. Apoiou a ponta da faca no estômago de Mevlut. Entretanto, o homem mais encorpado tinha-se posto atrás das costas de Mevlut e prendeu-lhe os braços. Mevlut calou-se.

O homem mais pequeno empurrou a lâmina contra o seu estômago com uma mão e, com a outra, passou uma revista rápida mas exaustiva aos bolsos do seu avental e a todas as pregas do seu casaco. Meteu depressa ao bolso tudo o que conseguiu encontrar: notas e moedas. Mevlut podia ver que ele era muito jovem e muito feio.

«Olha para o outro lado, vendedor de boza», disse o homem maior e mais forte ao reparar que Mevlut estava a olhar para a cara do rapaz. «Ora pois, estás cheio de dinheiro, não estás? Não admira que estivesses a tentar fugir de nós.»

«Já chega», disse Mevlut, libertando-se.

«Já chega?», repetiu o homem atrás dele. «Não me parece. Não chega. Vens para aqui há vinte e cinco anos, pilhas a cidade e quando, finalmente, chega a nossa vez, decides fechar a loja? Nós chegámos tarde e agora a culpa é nossa?»

«De modo nenhum, ninguém tem a culpa», disse Mevlut.

«O que é que tens em Istambul? Uma casa, um apartamento, o quê?»

«Não tenho uma única coisa em meu nome», mentiu Mevlut. «Absolutamente nada.»

«Porquê? És estúpido ou quê?»

«As coisas não deram para aí.»

«Ei, toda a gente que veio para Istambul há vinte e cinco anos tem agora uma casa num desses bairros de lata. Têm prédios a nascer como cogumelos na terra deles.»

Mevlut contorceu-se com irritação, mas o único resultado foi a faca picar o seu estômago com um bocado mais de força («Meu Deus!», exclamou) e fazerem-lhe uma nova revista da cabeça aos pés.

«Diz lá, és mesmo estúpido ou estás só a fazer-te de parvo?»

Mevlut não deu resposta. O homem atrás dele torceu-lhe o braço esquerdo como um profissional e puxou-lhe a mão para detrás das costas num movimento suave. «O que é que temos aqui! Não é em

casas ou em terra que gostas de gastar o dinheiro, preferes relógios de pulso, não é, meu amigo de Beyşehir? Agora é que estou a ver como é.»

O relógio suíço que Mevlut recebera doze anos antes como prenda de casamento foi-lhe tirado do pulso num instante.

«Que espécie de pessoa é que assalta um vendedor de boza?», perguntou Mevlut.

«Há uma primeira vez para tudo», disse o homem que lhe estava a prender as mãos atrás das costas. «Agora, pouco barulho e não olhes para trás.»

Mevlut ficou em silêncio a ver os dois, um velho e um novo, a irem-se embora. Naquele momento, percebeu que eles eram de certeza pai e filho. Mevlut e o seu falecido pai nunca tinham sido associados no crime como estes dois. O pai estava sempre a culpá-lo por alguma coisa. Mevlut desceu silenciosamente as escadas. Encontrou-se numa das ruas laterais que iam dar à colina de Kazancı. Tudo estava sossegado; não se via viva alma. O que é que Rayiha iria dizer quando ele chegasse a casa? Seria ele capaz de descansar sem dizer a ninguém aquilo por que tinha passado?

Imaginou por um momento que o assalto era um sonho e que tudo estava como sempre tinha estado. Não ia dizer a Rayiha que fora assaltado. Chafurdar nesta ilusão por uns segundos fê-lo sentir-se melhor. Tocou a campainha.

«Booozaaaa», apregoou, pela força do hábito, e percebeu de imediato que nenhum som lhe saía da garganta.

Nos bons velhos tempos, quando acontecia nas ruas alguma coisa que o perturbava, quando se sentia humilhado e destruído, podia contar com Rayiha para o animar quando regressava a casa.

Pela primeira vez nos seus vinte e cinco anos de vendedor de boza, Mevlut regressou à pressa a casa sem apregoar «Boo-zaaa», apesar de ainda lhe sobrar alguma.

Ao entrar na sua casa de quarto e sala, deduziu pelo silêncio que as duas filhas já tinham ido para a cama.

Rayiha estava sentada na borda da cama a tricotar em frente da televisão sem som, como fazia todas as noites à espera que Mevlut voltasse.

«Vou parar de vender boza», disse ele.

«Mas o que é isto agora?», disse Rayiha. «Tu não podes parar de vender boza. Mas tens razão, precisas de arranjar outro emprego. Os meus bordados não chegam.»

«Estou a dizer-te que estou farto de boza.»

«Ouvi dizer que o Ferhat ganha bom dinheiro na empresa de eletricidade», disse Rayiha. «Se lhe telefonares, ele arranja-te um emprego.»

«Prefiro morrer a telefonar ao Ferhat», retorquiu Mevlut.